

## **Duas Amazônia<sup>1</sup>**

Paulo B.C. SCHETTINO<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN/ASL

### **RESUMO**

Por seu fascínio e com a ajuda da literatura de ficção, os relatos dos viajantes do final do Séc. XV em diante sobre a existência de terras ocidentais para o além mar do oceano Atlântico suscitaram a construção de uma Amazônia imaginária. Enquanto que estas primeiras comunicações orais e escritas alimentaram a cobiça de reis, também contribuíram para a conformação em sonhos no imaginário de aventureiros que se lançaram ao mar em busca da concretude de outra que poderia existir: a Amazônia real.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amazônia; Comunicações; Fascinação; Ficção; Realidades

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Cineasta, graduado em Física pela UFRJ, é Mestre em Cinema (Imagem e Som) e Doutor em Ciências da Comunicação, pela Universidade de São Paulo – USP. Professor e pesquisador em Comunicação e Cultura, Professor-visitante da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. Membro da Academia Sorocabana de Letras-ASL. Pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som da Faculdade de Comunicação da UnB - Universidade Nacional de Brasília. Autor do livro *Diálogos sobre a Tecnologia do Cinema Brasileiro*. Menção Honrosa como Realizador pelo documentário *Ora (direis) ouvir estrelas!* no Festival Porto 7 – Porto/Portugal. Autor do livro *Da Pedra ao Nada: a viagem da Imagem - escritos apolíneos sobre os 'media'*.

## OUVERTURE



## ELDORADO

Edgar Allan Poe

*Gaily bedight,  
A gallant knight,  
In sunshine and in shadow,  
Had journeyed long,  
Singing a song,  
In search of Eldorado.*

*But he grew old –*

*This knight so bold  
And o'er his heart a shadow  
Fell, as he found  
No spot of ground  
That looked like Eldorado.  
And, as his strength  
Failed him at length  
He met a pilgrim shadow –  
“Shadow”, said he,  
“Where can it be –  
This land of Eldorado?”*

*“Over the Mountains  
Of the Moon,  
Down The Valley of the Shadow,  
Ride, boldly ride”  
The shadow replied –  
If you seek for Eldorado!”*

## INTRODUÇÃO

Poe, mestre da literatura fantástica, imagina o encontro do aventureiro ambicioso com um fantasma – sombra errante, bem ao gosto inglês. Quando indagado pelo aventureiro sobre onde encontrar a terra dos sonhos, lhe responde dever caminhar mais ainda e ainda mais arduamente para além das montanhas da lua, e descer ao vale das sombras. Sabemos que muitos desses homens não desistiram ante o impossível revelado pelo fantasma, e seguindo seu conselho, prosseguiram em seu intento. A eles devemos a expansão do mundo, tributária de sua coragem. Soía ser poética a vereda aconselhada pelo poeta para os visionários que buscam o sonho, seja cidade ou região, se de fato procuram pela imaginária Eldorado. *“If you seek for Eldorado”... caminhe!*

Os primeiros grupamentos humanos, isolados, foram possíveis graças às línguas comuns, desenvolvidas em cada sociedade para a facilitação das comunicações interpessoais. cremos, à luz das Teorias da Comunicação, não haver discordância quanto à primazia da língua natural, de início em sua oralidade, como o principal agente catalizador a reunir pessoas com interesses comuns e a dividirem tanto a espacialidade quanto as coisas

materiais e aquelas intangíveis. Indivíduos isolados tornam-se parceiros de um embrião de sociedade ao serem capazes de compartilhar práticas e sonhos. Também, para estabelecerem contato entre si, os grupos isolados e distantes uns dos outros utilizaram, como o primeiro caminho ou rota, os líquidos caminhos d'água naturais – os rios – como vias de comunicação e transporte. Afinal, por necessidade humana básica própria do elemento água, isoladamente, os grupos se formavam ribeirinhos.

Entidades díspares – comunicação e transporte – desde o início das sociedades humanas teriam sido indissociáveis e poderiam, em última análise, receber o nome de comércio. Das trocas interpessoais evoluiu-se para as trocas inter-grupais, originando a partir destes intercâmbios de experiências diferentes de vida resultando na transformação de culturas originais. Vieram os outros caminhos, agora sobre a terra seca, frutos da capacidade do homem de dominar e transformar a natureza e que ficaram como lembrança dos tempos passados nas ruínas das estradas romanas européias e, nas produzidas pelos primeiros habitantes americanos, na cordilheira andina. Nas cidades marítimas costeiras as trilhas aquosas e moventes foram largamente usadas muito embora ligadas à única margem existente, sempre mantida próxima e à vista. No futuro, as comunicações iriam se desprender do transporte material junto às cargas e pessoas e alçariam vôo, sozinhas, pelos ares a dispensar os velhos caminhos, fossem secos ou úmidos. Porém, foi longo o caminhar da humanidade até chegarem os tempos desta conquista, muito embora os mais afoitos e inquietos demais para a longa espera, impacientes, houvessem se lançado à aventura de arrostarem a imensidão dos mares e vagarem por extensas distâncias.

Os estudos históricos da cronologia do desenvolvimento humano apontam para uma época em que o conhecimento científico ganhou impulso, em todas as suas áreas, e por volta de 1400 da era cristã, o homem já acumulara saberes que o dotaram da capacidade de possuir mais integralmente o mundo. Por inúmeros motivos muitos se transformaram em viajantes e seus relatos de suas aventuras ganharam foros de uma nova literatura.

Escolhemos a espanhola Teresa de Cepeda, que viria a ser imortalizada pela alcunha de Teresa de Ávila, em virtude de seu nascimento, em 1515, e ter vivido o momento histórico em que os viajantes, notadamente de Portugal e Espanha, começavam a encurtar as

distâncias da terra. E, principalmente, por sua vida ser marcada pelos reflexos de seu tempo, como consequência direta dessas viagens.

El siglo de Teresa ya no era parte de la era de transición de la Edad Media a los tiempos modernos; era en todos los aspectos el despuntar de un nuevo período. En el espacio de pocas décadas – y fueron éstas precisamente las de la vida de Teresa – las energías expansivas de la actividad moderna acrecentaron la dimensión de la Tierra. La América del Norte había sido descubierta poco antes, conquistado México por Hernán Cortés y atravesado el istmo de Panamá; Magallanes había navegado en torno de la extremidad meridional del Nuevo Mundo y descubierto las Filipinas. La Tierra comenzaba a tomar la forma de una esfera y los tesoros que los conquistadores llevaban a la patria desde ultramar aumentaban las riquezas del Viejo Mundo. (FÜLÖP-MILLER, 1964 p. 8)

Muito antes disso, ali em volta, estavam os mares com seu incessante bramido a chamar para a aventura de um caminho de uma só margem. A outra, se não existisse, seria um abismo interminável que a tudo e a todos tragaria. Os mais afoitos ousaram o desafio de um caminho sem limites e, pouco a pouco, aventuraram-se às distâncias cada vez maiores da costa. Finalmente, guiados pelas estrelas, transformaram os mares em estradas supostamente sem fim. E, deu-se início às grandes navegações inaugurando a posse de uma terra agora redonda e, principalmente, segundo alguns autores consagrados, ao processo de trocas culturais de povos antes isolados. Os primeiros que conseguiam voltar para casa contavam das maravilhas encontradas.

Não só de aves de rapina constituía-se o grupo que se aventurava, muito embora fossem estas espécies as principais formadoras dos contingentes humanos que em formação de bandos procederam a pilhagem de tudo o que encontraram à sua frente nas terras do Novo Mundo. Papas e soberanos europeus enviavam entre os corsários os estudiosos da História Natural, nome antigo herdado da cultura grega para aqueles que se dedicavam a entender a *physis* do homem e do mundo, hoje fragmentada nos compartimentos estanques das áreas do conhecimento tais como a Biologia e a Antropologia. Naturalistas como eram chamados e acompanhados por desenhistas ilustradores faziam o registro da vastíssima biodiversidade que iam encontrando e a cartografia dos espaços. No caso específico desta Amazônia real que iam palmilhando, seus relatos e desenhos e mapas seriam os principais elementos que os ficcionistas, como Doyle e Verne, iriam utilizar na figurativização da Amazônia mítica.

Exemplarmente como o nosso romancista Gastão Cruls faria mais tarde em suas duas obras, a imaginada em *A Amazônia Misteriosa*, e a vivida em *A Amazônia que eu vi*.

## AS AMAZÔNIAS

Podemos pensar a Amazônia, pelo menos, de duas formas diferentes: a Amazônia Mítica e a Amazônia real ou, simplesmente Amazônia. A primeira, a mítica, desde o final do século XV, povoou o imaginário de aventureiros europeus que sonhavam com fortunas inimagináveis embalados pelas descrições do oriente feitas por Marco Pólo. Se antes, com as visões das Índias, da China, e da Mesopotâmia, principalmente, o Oriente – a leste do Éden - fascinou os aventureiros transformando-os em visionários arrebatados pela cobiça, agora, seus olhos com demasiado movimento como quer o poeta Pessoa, voltam-se para o outro lado do mundo – o Ocidente. Não que se importassem pouco com o perigo de que suas embarcações caíssem, em sorvedouros infinitos localizados no fim imaginado dos mares planos, porém traziam em mente a palavra de ordem portuguesa de que era preciso navegar. Dos portos localizados em pontas avançadas, mar a dentro, como as ilhas da Madeira, lançavam-se à aventura. E, é dos relatos fantasiosos e fictícios dos que voltavam que se começou a esboçar, fruto da imaginação de seus ouvintes, a construção da Amazônia mítica. As cidades das civilizações primordiais americanas como os maias, aztecas e incas encontradas no novo mundo fizeram nascer a idéia de que, ao embrenharem-se no emaranhado daquela interminável floresta de leito de água, tesouros incalculáveis seriam encontrados. As imagens de mulheres guerreiras, dos monstros da fauna estranha, das cidades recamadas de ouro... permeavam as narrativas tanto de viajantes quanto dos sedentários. Aos primeiros incutiam coragem para a ação, e aos outros, a capacidade de criação de novelas literárias. Das cidades costeiras de quase todos os países da Europa ocidental partiam os navios a mando e soldo de seus dirigentes, e o retorno, quando havia, era festejado com júbilo pela população, em virtude do derrame de riquezas, proporcionado por saqueadores e corsários transformados em heróis.

É preciso que seja lembrada a sagração dos piratas ingleses Walter Raleigh e Francis Drake, tornados em *sir* pela rainha Elizabeth I, graças à fortuna amealhada por eles em suas incursões corsárias. A tais acontecimentos pode-se entender e tentar agregar as dificuldades



encontradas por Tereza de Ávila em reconstruir a Igreja Católica com seu discurso reformador embasado nos ideais franciscanos de pobreza. A cada avanço de sua pregação, o povo retroagia sempre que um galeão espanhol aportava em seu retorno do novo mundo. E a pretensa reformadora, qual uma Sísifo medieval, haveria sempre de voltar às pregações iniciais. Como cantar as maravilhas da pobreza ante as fortunas que transformavam, de dia para a noite, miseráveis em milionários?

Era Sevilla la ciudad del oro, a cuyo puerto arribaban los navios de México y del Peru com sus preciosos cargamentos. Los habitantes de la ciudad no se preocupaban de otra cosa que del oro, su Dios, y del goce de la vida, su religión. Una mujer que predicaba la pobreza, la renunciación y el silencio no podía esperar ser recibida allí com los brazos abiertos. Era natural que el rumor de sus amores cayera em terreno fértil. Toda Sevilla estaba en contra suya. Incluso el anciano arzobispo, um cristiano bueno y piedoso, se hallaba tan prevenido en contra de la monja, que no sólo le nego su dispensa para um nuevo convento, sino que hasta se nego a concederle uma audiência.(FÜLÖP-MILLER, 1964 p. 115)

Desde então, por mais de cinco séculos, os ouros e as madeiras do ocidente tem movimentado a economia européia cujos países após lotearem as terras do Novo Mundo, nele constituíram as suas colônias. Se o norte da América foi ocupado pela Inglaterra, pela França e pela Espanha, o sul restou nas mãos da Espanha e Portugal através de acordo internacional mediado pela Igreja Católica. Após a decretação da Doutrina Monroe, pelos descendentes dos ingleses da Nova Inglaterra, que se desligaram da pátria-mãe e se constituíram nos Estados Unidos da América do Norte, aos poucos os outros países europeus foram sendo rechaçados e , na América do norte, deixando apenas alguns traços de sua passagem, notadamente culturais. Pensa-se no Canadá e no entorno da cidade norte-americana de New Orleans com suas tradições francesas, e o estado da Califórnia que expulsos os espanhóis e alargadas suas fronteiras empurra o México para além do Rio Grande, mantendo porém os nomes de suas cidades, bastando um só exemplo: Los Angeles.

## A DIVINA COMÉDIA DAS AMAZÔNIAS

O escritor brasileiro Euclides da Cunha, em missão oficial do governo, ao chegar a Belém do Pará a saúda, à maneira de Dante Alighiere, reconhecendo a cidade como o pórtico de um mundo novo e imenso e com a sensação de que civilizações, países, culturas eram coisas que estava a deixar para trás.

... subi para o convés, de onde, com os olhos ardidos de insônia, vi, pela primeira vez, o Amazonas...

Salteou-me, afinal, a comoção que eu não sentira. A própria superfície lisa e barrenta era mui outra. Porque o que se me abria às vistas desatadas, naquele excesso de céus por cima de um excesso de águas, lembrava (ainda incompleta e escrevendo-se maravilhosamente) uma página inédita e contemporânea do Gênesis.

Se o escritor percebe estar a iniciar uma viagem para um mundo desconhecido, porém não hesita, pois à moda do italiano também ele terá em Alberto Rangel o seu Virgílio. Rangel hospeda Euclides enquanto o escritor de *Os Sertões* aguarda o momento de partir, em missão oficial do governo brasileiro, para atingir os limites do país no intuito de definir as fronteiras brasileiras com o Peru. A relação afetuosa entre os dois engenheiros brasileiros permite a comparação que fizemos, pois, é Rangel que o instrui sobre o mundo novo que Euclides está a conhecer. Euclides viria a escrever a introdução do livro de Rangel – *Inferno Verde*. As visões diferenciadas da Amazônia podem ser vistas como citações implícitas da *Commedia*, dita A Divina, de Dante, que em sua obra pretendia incluir toda a humanidade de seu tempo, bem como as anteriores e futuras, nos três conhecidos reinos: Inferno, Purgatório e Paraíso.

A Amazônia como Paraíso, deve-se ao deslumbramento sentido por Euclides da Cunha ante à Amazônia e seu rio – comparado por ele aos míticos Ganges e Nilo - e ao seu livro inacabado *Um Paraíso Perdido*. Muito embora não tenha sido concluído, em virtude da morte trágica e prematura do escritor, surge vívido para nós o seu entusiasmo através da documentação do seu processo de criação explicitado aos seus correspondentes ilustres, entre eles Machado de Assis, José Veríssimo e Coelho Neto.



Enquanto que para Alberto Rangel, aquele mesmo paraíso ainda em gestação, seria para os aventureiros o Inferno, verde em função da luxuriante floresta. É em Euclides que encontramos a idéia de um mundo em processo de criação, gênese flagrado em seu momento de própria gestação. Daí decorre a idéia de uma terra imatura, ainda em formação. As cartas geográficas produzidas pelos que por lá passaram anteriormente já não servem mais. Os rios amazônicos com a força de suas águas desmancham os desenhos dos cartógrafos. Criam novas ilhas ao levarem em sua correnteza as terras com a vegetação e a fauna, que permanecem paradas nos períodos de vazante por um determinado tempo. Às vezes curto, ora longos. Em nova enchente, desaparecem. As curvas desenhadas, ao serem confrontadas com o real encontrado não mais existem. Curvas e lagos duram apenas um determinado período de tempo ou às vezes uma estação, para deixarem de existir logo em seguida. A partir dessas observações é que nasce a idéia de um universo em formação.

Entre os extremos da epifania edênica e a danação eterna, porém, é no livro de Ferreira de Castro, *A Selva*, que iremos encontrar a Amazônia retratada como espaço de purgação da vida dos que ousaram nela penetrar. Se a personagem de Rangel sucumbe ante a grandiosidade de um mundo que luta contra a invasão do estrangeiro, e o mata, o Alberto, de Ferreira de Castro dela consegue escapar, e retornar ao mundo real de origem a um custo sobre-humano.

É talvez, na Literatura Brasileira, a mais louca das mortes engendradas por um escritor para sua personagem a que Rangel cria para o estrangeiro invasor. Sua personagem morre lutando com a matéria vegetal da floresta inexpugnável metaforizada em um canteiro de rosas, que transformará seus despojos em húmus fertilizante. Vence a floresta!

Os dois escritores, perigosamente, apontam e empurram para um futuro em que civilizações e pessoas mais desenvolvidas, um dia, venceriam a floresta e os rios. Acreditam nisso, e cem anos depois de suas elucubrações literárias o que a imprensa diária, de todo o mundo registra e denuncia cotidianamente é o contínuo desmatamento da região. Preferiríamos acreditar que a vitória vislumbrada pelos escritores sobre aquele universo verde, e conquistada pelos que viessem depois, não fosse a custa da morte do inimigo. Afinal, faz parte do direito de qualquer cidadão ou entidade velar e lutar por sua preservação. A floresta amazônica bem que tentou. Porém, seus segredos e possíveis riquezas despertaram

a cobiça centenariamente de aventureiros de todo o mundo. O que se viu foi o que se viu: suas entranhas rasgadas e dilapidadas sucessivamente ao longo da nossa história recente. Primeiramente em nome de uma suposta intenção altruísta de ‘evangelização’ com o fito de salvamento das almas de seus habitantes naturais empreendido hipocritamente pelas missões ‘evangélicas’ estadunidenses. Em seguida, em nome do progresso em tempos do milagre econômico da ditadura militar pós-1ºabril de 1964, a morte de centenárias árvores para a saga da abertura da Trans-amazônica; e a posterior corrida do ouro, já em tempos de abertura política e retorno ao governo civil no país, registrada em aterradoras imagens do formigueiro humano de Serra Pelada.

Bem antes disso, também o português Ferreira de Castro, nas últimas páginas de seu livro, descrevia a sensação de mudança que vislumbrava, quando ao descer o rio após conseguir se livrar do purgatório, vê o seu barco cruzar com outro, em sentido contrário, que trazia para a região imigrantes japoneses.

## **AS MATRIZES MODERNAS DO IMAGINÁRIO**

A fome do conhecimento levou a humanidade ou pelo menos um seu pequeno contingente a desbravar com ou sem temor as fronteiras do desconhecido. Historicamente, nos meados do século XV, registra-se a passagem da oralidade para a escrita, inda que de maneira lenta, subsidiária da prensa de Gutenberg. É inegável que ‘a reprodutibilidade técnica’ dos textos impressos revolucionou os espíritos dos homens e mulheres inquietos – panfletos, jornais diários, revistas ilustradas, e principalmente os livros. Surgia o homem das Letras como um novo ‘herói’ da humanidade, no dizer do historiador inglês, Thomas Carlyle, portando luzes no bico de suas penas a aclarar mentes e corações pelos trezentos anos que se seguiriam, mesclando avanços e retrocessos, porém deixando um passo positivo rumo ao futuro. Das luzes acendidas pela Ciência pura à exacerbação do cientificismo no final do século XIX, prenhe da aplicação dos novos conhecimentos recém adquiridos, gesta-se a concretização do sonho humano da comunicação independente de restrições espaciais e temporais, ... e da materialidade.

Chegará um tempo no qual voará a voz. E os homens conversarão entre si por além de mares e montanhas.

Chegará ainda um tempo no qual voarão as imagens. E os homens poderão ver-se por além de mares e montanhas.

Aquele será um tempo de grandes dores e de grandes tormentos.

Voarão as imagens como os anjos, mas não levarão a luz dos anjos.  
(SCHETTINO, 2009)

Aos poucos, a partir do início do século XX um novo fenômeno começa a se esboçar no universo das comunicações. Sem que se perceba, uma neblina começa a se adensar obliterando a hegemonia da palavra e de seus cultores e artífices. Lenta e silenciosamente a imagem pronta sem a intermediação da palavra vai se impondo a ponto de se transformar na essência da própria comunicação agora voltada para as grandes massas de humanos espalhados pelos quadrantes do mundo. Divulgou-se exaustivamente e foi aceito por todos que ‘uma imagem vale mais que mil palavras’. A hegemonia da palavra foi definitivamente abalada e sua utilidade foi paulatinamente perdendo valor, e seu uso restringido ao mínimo. Apenas como legenda explicativa para a imagem.

De modo definitivo passou-se a considerar o novo século como ‘o Século da Imagem’ e disso para a construção da sociedade global do espetáculo foi apenas o começo. O que passou a importar é comunicar com o maior número possível de consumidores em que foram transformadas as pessoas. A Fotografia passou a ser dominante na clássica ‘primeira página’ dos jornais diários. As narrativas literárias, por tradição milenar, divididas aristotelicamente entre gêneros documentais ou ficcionais, foram abruptamente substituídas pelas narrativas imagéticas do Cinema – a grande arte do século XX, a febre da modernidade que se espalha pelo mundo inteiro.

As histórias em quadrinhos desenhados, de fácil leitura e apreensão imediata, os filmes cinematográficos e as telenovelas ocupam-se de construir o imaginário das pessoas, independentemente das diferenças culturais e nacionalidades e capacidade de abstração exigida pelo hermetismo simbólico da palavra.

As duas Amazôniaas jazem confundidas para sempre na profusão de filmes e *teleplays* produzidos pelo século a fora assim como não mais é possível distinguir a verdade da ficção.

Valho-me do socorro recebido e benvindo do pesquisador fluminense, Tunico Amancio:

Fazendo a ventriloquia do mundo, Hollywood propicia pungentes anedotas como a que nos revela Sonia Braga, a propósito de sua participação como atriz e personagem brasileira em ‘Amazônia em chamas’, a saga cinematográfica de Chico Mendes, filmada no México pelos americanos. Ela conta que ‘precisou adaptar a pronúncia correta de algumas palavras para o sotaque americano’. Como a única brasileira do elenco, ela teve que ‘americanizar’ seu modo de falar para que não houvesse choque com o dos colegas americanos. Ou seja, onde o simulacro é mais forte que a verdade, imprima-se o simulacro.

Pensamos, a princípio, assinalar com grifos nossos alguns pormenores do texto acima citado, como por exemplo: [...*filmado no México...*] ou [*Como a única brasileira do elenco...*] porém, acreditamos que se assim procedêssemos todo o texto de Amancio seria grifado. O que recomendamos para os que se interessam pela dualidade da Amazônica que aqui enfocamos é que o texto seja lido na íntegra e para tanto se encontra incluído nas nossas referências. No entanto, torna-se imperioso que destaquemos a última frase da citação que usamos: [...*onde o simulacro é mais forte que a verdade, imprima-se o simulacro.*]. De maneira muito sutil o autor Amancio cita veladamente o filme clássico do diretor estadunidense John Ford, ‘O Homem que Matou o Facínora’/*The man who shot Liberty Valence* (1963). Parada que a nosso ver deveria ser obrigatória para todos os estudantes da habilitação profissional em Jornalismo dentro das Escolas Superiores de Ensino em Comunicação Social, e que na atualidade se estende como obrigatoriedade para todos os que pensam e refletem sobre a não mais distinção entre ficção e realidade que permeia toda a área de comunicação de massa.

Às lendas! Às imagens! Ao circo! Ao espetáculo!

A Verdade???

Que volte para o poço em que sempre habitou, como cantou um dia o nosso grande e sábio poeta popular, Noel!

## REFERÊNCIAS

- AMANCIO, Tunico. *O Brasil dos gringos: imagens no cinema*. Niterói/RJ: Intertexto, 2000.
- BOLOGNA, Gianfranco (org.). *Amazônia Adeus*. Trad. Raffaella de Filippis. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1990.
- BRANDÃO, Adelino. *Paraíso Perdido: Euclides da Cunha – vida e obra*. São Paulo: IBRASA, 1996.
- CARLYLE, Thomas. *Os Heróis*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1963.
- CASTRO, Ferreira de. *A SELVA in Ferreira de Castro – Obra completa 3V*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda, 1961.
- COLBY, Gerard e DENNETT, Charlotte. *Seja Feita a Sua Vontade – A Conquista da Amazônia: Nelson Rockefeller e o Evangelismo na Idade do Petróleo./Thy Will Be Done*. Trad. Jamari França. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.
- CUNHA, Euclides da. *Um Paraíso Perdido – ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia*. Organização, introdução e notas Leandro Tocantins. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Relatório da Comissão Mista Brasileira - Peruana de Reconhecimento do Alto Purus e Notas complementares*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1906.
- \_\_\_\_\_. *À Margem da História*. Portugal/Porto: Lello & Irmão, 1909.
- CRULS, Gastão. *A Amazônia Misteriosa*. Rio de Janeiro/Brasília: Editora José Olympio/Instituto Nacional do Livro, 1973.
- \_\_\_\_\_. *A Amazônia que eu vi*. Rio de Janeiro/Brasília: Editora José Olympio/Instituto Nacional do Livro, 1973.
- DOYLE, Sir Arthur Conan. *O Mundo Perdido*. São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1987.
- FÜLÖP-MILLER, René. *TERESA DE ÁVILA – La Santa Del Éxtasis*. Madri/Espanha: Espasa-Calpe S.A., 1964.
- GONDIM, Neide. *A Invenção da Amazônia - 2ªed.* Manaus: Ed. VALER, 2007.
- LACHINI, Cláudio. *VASCO – Memórias de um precursor da globalização*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2009.
- LADISLAU, Alfredo. *Terra Imatura*. Manaus: Ed. VALER, 2008.
- OLIVEIRA, Elcio Lucas de. *AMAZÔNIA – Tempo e Lugar: de onde falam Euclides da Cunha e Ferreira de Castro?*. Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2005.
- POE, Edgar Allan. *Eldorado in Il Corvo e altre poesie*. Colognola ai Colli (VR)/Itália: DEMETRA, 2000.
- RANGEL, Alberto do Rego. *Inferno Verde - Prefácio de Euclides da Cunha*. Org. Tenório Telles. 6ª edição. Manaus: Editora VALER, 2008.

SCHETTINO, Paulo B. C. *Diálogos sobre a Tecnologia do Cinema Brasileiro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

SCHETTINO, Paulo B. C. *Da Pedra ao Nada - Viagem da Imagem*. São Paulo: LCTE Editora, 2009.

VERNE, Júlio. *A Jangada – 800 léguas pelo Amazonas*. São Paulo: Ed Planeta, 2003.